



O décimo homem

Cláudio Feldman*

Haim Steinfeld era um homenzinho moreno e magro, com um grande nariz espetado entre olhos honestos.

Como só tirava o velho chapéu para se banhar e tinha longas barbas, poucos sabiam que seus cabelos tinham desertado.

Com a morte de sua esposa Tube e o casamento da filha única, Málcale, viu-se a sós em sua casa de madeira, atrás da sinagoga de Krosty.

Embora frequentasse o *shil*, seu confidente era o cavalo Schamir, quadrúpede magro que puxava sua carrocinha de mascate por estradas poeirentas.

Transportando para as povoações vizinhas as bugigangas de seu dono (espelhos, cadarços, pentes, alfinetes, lenços, botões etc.), Schamir ainda era obrigado a ouvir *tzures* o dia inteiro.

O refrão de Haim, que o cavalo sabia de cor, era que Iehuda, seu irmão, estava “fazendo a América” e, em breve, iria chamá-lo para Nova Iorque, bem longe daquele *shtetl*, perdido na Europa Oriental.

– Schamir, Schamir, dizia o homenzinho sonhando, quando chegar o dia, você vai comigo no navio.

A grande alegria de Schamir era o *shabat*, quando a folga lhe esperava na estrebaria, com boa razão.

Às vezes, é verdade, ainda tinha que carregar o seu patrão até Moltchinovka, onde morava Málcale, filha de Haim, casada com o ferreiro Aizik Mastboim.

Após uma hora de cansativo caminho, o *shabat* era doce, pois Haim adorava a filha e o genro, que retribuía o carinho até para o cavalo.

Málcale queria ter uma filha para dar o nome da pranteada mãe, Tube, mas não conseguia engravidar.

Estava se tratando com o Dr. Adam, de Rostov, e, por via das dúvidas, com uma curandeira, velhinha curvada entre as ervas da floresta.

Haim, quando os *guesheftn* rolavam medianamente, trazia alguma lembrança modesta para a filha: meias, broches, doces, perfumes, lenços de cabeça.

A vida de Aizik, de Málcale e de todo o *shtetl* de Moltchinovka corria sem sobressaltos, ao contrário de Krosty, onde havia brigas homéricas entre *hassidim* e *mitnagdím*.



Mas, um dia, a situação inverteu-se: os religiosos, adversários, deram-se uma trégua e Moltchinovka foi atingida pela desgraça.

Certa manhã de alguma névoa, Leibusch, o *litvak*, e Avram, o *shadkhen*, estavam sentados num velho tronco à beira da estrada, conversando sobre o notório caso Dreyfus, quando ouviram um galope.

Logo depois, uma áspera voz perguntou:

– Quem está aí?

Antes que ambos pudessem responder, viram três cossacos montados, cheirando a suor e vodca.

O mais alto dos cavaleiros repetiu a pergunta:

– Quem está aí?

Intimidados, sem voz, os judeus se encolheram na névoa.

– São inimigos camuflados! gritou novamente a voz áspera.

– Não, disse o mais baixo, parecem apenas dois malditos judeus.

– Hei, *jid*, falou o mais alto a Avram, engoliu a língua?!

Avram quis articular algo, mas não conseguia.

O *litvak*, que era um pouco mais audacioso, perguntou, então:

– O que desejam, senhores?

O cossaco mais baixo disse, com sarcasmo:

– Circuncidar judeus.

Os outros riram e, sinistramente, tiraram suas lâminas.

Avram e o *litvak* abriram numa desesperada carreira, mas foram alcançados pelos cavalos e as armas.

Moltchinovka teve um dia de amarga cinza, pranteando seus mortos.

O grão-rabino Pinsky, quando soube do infortúnio, foi se queixar às autoridades, mas em vão: a névoa encobrirá as provas.

Além disto, o religioso constatou outro fato lamentável: com a morte dos dois *tzadikim*, só restavam nove cidadãos válidos em Moltchinovka, deixando incompleto o *minian*.

As rezas, inclusive o *kadish* pelos assassinados, não se cumpririam, se o grão-rabino Pinsky, em sua santa probidade, não se comprometesse a ficar durante a *shivá* como o décimo homem.



Mas disse, alisando seu *schtraimel* de zibelina, que Moltchinovka contornasse logo a situação, pois tinha compromissos longe dali.

Aizik, enquanto ferrava Schamir, pediu a Haim que salvasse Moltchinovka da irreligiosidade, comprometendo-se todo *shabat* e grandes festas a ser o décimo homem.

Haim, que era um homenzinho moreno, magro, de grande nariz, mas olhos honestos, concordou, em termos:

– Aceito até Iehuda me chamar a Nova Iorque.

O pobre do Schamir é que não gostou da decisão: teria que trotar muito mais, antes e depois do *shabat*.

Haim, homem bem-intencionado aos olhos de D-us, nunca falhou em seu compromisso, mesmo quando gripes, hemorroidas ou gastrites castigaram seu corpo magro.

O mascate era recebido pelo *ishuv* de Moltchinovka como se fosse o próprio rei Salomão: tinha sempre honras na torá e pedidos de compra de suas bugigangas.

Todos cumprimentavam Haim respeitosamente, antes do ritual de *shabat* na sinagoga, e às vezes surgiam brigas para tê-lo como convidado nas ceias sabáticas.

Ele preferia, é natural, ficar com sua filha Málcale, mas, de vez em quando, tinha que contentar outras famílias, que se ofenderiam com suas negativas.

Haim, cercado de pratos de *guefilte fish*, *helzel*, *locshen*, *tscholent*, *kügl*, *hale*, tudo regado a vinho, costumava gracejar que Schamir seria digno daquele ambiente de paz e religiosidade, iluminado por velas bentas em candelabros de cobre, pois tinha o nome da pedra com a qual Moishe Rabeinu gravara as tábuas da Lei.

Esta *meshigass* inofensiva era logo perdoada pelos anfitriões.

Uma tarde, quando já tinha preparado Schamir para ir a Moltchinovka, percebeu que o cavalo não parecia bem.

Chamou Stepan Grigorievitch, o veterinário, que examinou detidamente o animal, diagnosticando estafa: se Haim continuasse a abusar de Schamir (que denotava um início de velhice), ele morreria em pouco tempo.

Haim, pechincheiro, deu alguns copeques ao doutor dos animais e, afagando a cabeça da cavalgada, disse, com carinho:

– Amigo, *shoalem aleihem!*



Após colocar numa sacola, a tiracolo, seus objetos religiosos, fechou a casa e pegou a estrada do morro.

Embora fosse um homenzinho, seu passo era acelerado, pois não queria correr o risco de espiar a primeira estrela, que ratificasse o *shabat*, ainda no meio do caminho.

Numa das curvas do morro, deparou com um estranho homem, de cútis quase negra, peludo, olhos chispantes e unhas não aparadas.

Mas, como vestia roupa de cidadão, cumprimentou-o com naturalidade.

O homem, dirigindo-se a Haim, disse com voz grossa e profunda:

– Vejo que está apressado. Mas não gostaria de ganhar, em poucos minutos, o que suaria para conseguir em meses?

Haim, sempre atormentado com seu *parnusse*, sentiu uma palavra dançar no cérebro: *metzie*.

Disse ao desconhecido.:

– Se for coisa honesta, aceito.

O homem explicou que entrara para defecar numa gruta do morro e achara um cofre grávido de rubis.

Porém, como o tesouro era muito pesado, daria metade a Haim se ajudasse a puxá-lo para a luz.

O homenzinho, imediatamente, entrou em estado de devaneio: viu-se em Nova Iorque, com Iehuda, Málcale grávida e Aizik, numa carruagem de ouro puxada por Schamir.

E ficaria mais tempo lá, se o despertador da consciência não lhe lembrasse que precisaria estar em Moltchinovka antes da primeira estrela.

Dando, então, alguns passos, viu-se dentro da gruta, com o homem cor de charuto atrás de si.

O vozeirão do estranho, que o eco da fenda multiplicou, disse que o cofre estava à esquerda.

Um pouco antes da zona sombria da gruta, Haim vislumbrou algo inquieto a fugir das calças do desconhecido.

Olhando melhor, percebeu um rabo.

Alucinado, quis fugir daquela trampa, mas os negros olhos hipnóticos do estranho desejaram o contrário.



Num esforço extraordinário, recitou “*Shemá Israel...*”, e o eco encheu a gruta de orações.

O *sched* deu um estouro e sumiu, empestando o ar de enxofre.

Haim saiu da caverna, com o coração pulando mais que sete corças, e sentou-se numa pedra porosa.

Tomou um extenso fôlego e foi recobrando, pouco a pouco, as energias.

“*Shlimazel*”, disse para si mesmo, “até um bebê perceberia que era o maligno. Mas o que desejaria comigo, que sou pequeno até nos pecados?”

Consultando o sol, viu que não podia mais jogar tempo fora e, levantando-se, disparou pela estrada.

Na última curva do morro, avistou um campo de ovelhas.

Um dia, quando passara com sua carrocinha (Shamir exausto pelo contorno do morro), quase atropelara uma tarda ovelha grávida.

Mas o que via, agora, era uma bem talhada pastora carregando uma ovelhinha negra, transviada do rebanho.

A mulher parou, esperando Haim se aproximar.

O viajante cumprimentou-a, reparando em seus belos dentes, que reverberavam ao sol.

A mulher, com olhos hospitaleiros, perguntou a Haim se, devido ao calor e pó da estrada, ele não apreciaria um pouco de leite fresco de ovelha, na sombra, antes de prosseguir viagem.

Steinfeld, que estava sedento, aceitou.

A mulher fez sinal que a acompanhasse.

Quando chegaram à *isbá* da pastora, ele percebeu que só havia a ovelhinha negra no campo.

Estranhou, mas a meiguice feminina era tão transbordante, que deixou-se levar até o interior da cabana, que era pobre, mas acolhedora.

A camponesa trouxe uma vasilha e canecas, onde despejou um líquido rubi.

Haim protestou: aquilo não era leite, mas vinho.

A pastora disse que era viúva de um mujique, estava se sentindo muito solitária e queria beber aquele vinho com um homem que achasse atraente.

Lisonjeado, o homenzinho moreno e magro, com um grande nariz espetado entre os olhos honestos, disse “*Le’haim!*” e sorveu o dulcíssimo líquido da caneca.



Sentiu as veias cantarem e uma cálida euforia na cabeça.

A mulher, deixando cair o xale, mostrou maduros ombros morenos, que cheiravam a flores do campo.

Em seguida, encheu a segunda caneca, que Haim consumiu, extasiado.

Um delicioso mormaço envolveu seus membros.

A pastora aconchegou-se a ele, irradiando calor.

Haim, que após a viuvez conservara-se neutro, percebeu um tremor acariciante entre as pernas.

A mulher desnudou um seio, redondo fruto moreno, e colocou a mão esquerda de Steinfeld nele.

Haim estremeceu, como se palpasse um pão recém-saído do forno.

Não se conteve e – esquecendo seus liames religiosos – beijou a pastora com uma fúria represada durante anos.

Após o beijo, de esquisito sabor, desejou encontrar no rosto da parceira um halo de ternura, mas só percebeu as mesmas pupilas chispantes da gruta.

Surpreso, limpou a boca com a mão, saltou para trás, e começou a tremer.

A mulher, disparando uma gargalhada que veio de negras entranhas, disse, com escárnio:

– Esse beijo selou nossa aliança.

Haim sentiu uma grande vertigem, mas, impulsionado por forças que vinham de alguma fonte desconhecida, saiu correndo, com o medo, o nojo e a raiva pulsando em seu coração.

Logo tropeçou, beijando o pó.

Ao se levantar, perto da ovelhinha negra, pensou ouvi-la num sussurro:

– Esse beijo selou nossa aliança.

Horrorizado, atropelou o vento.

Quando percebeu que a cabana era apenas um ponto escuro no horizonte, rezou com fervor ao Eterno.

Após, gostaria de se sentar no meio das ervas e se lamentar pela desdita, mas tinha uma responsabilidade inadiável e o sol começava a insinuar declínio.

Aliás, o declínio de seu vigor também era evidente, mas teve que superá-lo, acelerando como um fugitivo, antes que a estrela primogênita abrisse espaço no céu.



Quando estava a poucos quilômetros de seu objetivo, foi detido novamente, desta vez por um exausto perneta *goi* que, rogando amparo a Haim, disse que também rumava para Moltchinovka.

O judeu, pequeno e extenuado, ponderou muito bem o pedido e interrogou-se: aguentaria escorar o coxo, duas vezes maior?

Se o fizesse, o perneta, de andar lento, não atrasaria a chegada do décimo homem à sinagoga?

D-us o perdoaria, mesmo com a atenuante de ajudar o próximo?

“Schamir, Schamir”, pensou Steinfeld, “como sua ausência é pesada, meu amigo. Se eu estivesse caminhando pelos seus cascos, não teria me envolvido em atos pecaminosos”.

Haim, entre o dever e a caridade, optou pela segunda, conforme o Talmud.

Arranjando-se como pôde com a claudicante criatura, venceu o primeiro quilômetro.

Na metade do segundo, ao margearem a lagoa de Moltchinovka, tocada pelo sol moribundo, Haim percebeu que somente seu reflexo caía na água rubi.

Então compreendeu, de súbito, que seu companheiro era uma farsa.

Furioso por ter sido novamente enganado, Haim largou o coxo e, pegando uma pedra limosa, atirou no mil vezes maldito.

A pedra ricocheteou na cabeça do *sched* e voltou-se para a de Haim, que caiu desacordado.

Quando voltou a si, sujo de lama, suor e desespero, mas abraçado à sacola dos objetos santos, Steinfeld recebeu a lua como uma punhalada.

“Ó *Gotenhu*, não passo de um *goilem*! Falhei por minha profunda ignorância, que não sabe separar a verdade da mentira. O *ishuv* de Moltchinovka nunca me perdoará pelo erro, que lançou o *shabat* no vazio!”

E com a mente torturada e o passo trôpego, arrastou-se até as ruas sinuosas do *shtetl*.

Na penumbra, só distinguiu um homem que cachimbava, encostado numa cerca, e um cachorro que latia no oco de um quintal.

Ao se aproximar da sinagoga, como um espantalho ambulante, logo percebeu a escuridão de seu interior.

Os judeus, recolhidos em suas residências, possivelmente estariam mastigando sua frustração.



Desiludido, com um sentimento de culpa lhe aguilhoando todos os poros, dirigiu-se para a casa da filha.

Quando bateu à porta, Aizik veio atendê-lo.

Cumprimentaram-se, Haim com um ar derrotado.

Mas, ao observar a fisionomia do genro, não encontrou nenhum sinal de ressentimento.

Generosidade familiar?

Encorajado, perguntou-lhe, então, sobre o *shabat*.

Aizik, com os olhos cintilantes de felicidade, explicou que, uns minutos antes de desabrochar a primeira estrela, aparecera na sinagoga um esbelto rabino, desconhecido, que dissera estar de passagem, e gostaria também de orar.

Os varões, encantados com suas maneiras finas e por ser ele o décimo homem, não hesitaram um momento: o religioso fora recebido com todas as honras.

Ao rezar, maravilhara a todos com sua dicção sem rasuras.

– Enfim, disse Aizik, tivemos o melhor *shabat* dos últimos anos.

– E onde está hospedado este *gaon*, que eu gostaria tanto de conhecer?

– Após o *shabat*, eu...

– Após o *shabat*?! Então eu desacordei por um dia! Bem, continue.

– Então, após o *shabat*, eu o acompanhei até a saída do *shtetl* e – acho que estou precisando de óculos – vi o homem se dissolver no luar.

Haim, ao ouvir as explicações do genro, sentiu uma brisa no coração.

E quando Málcale, vinda dos fundos, lhe comunicou a gravidez, o homenzinho surpreendeu-se novamente com a infinita piedade do Altíssimo.¹

* **Cláudio Feldman** é Professor, escritor e roteirista. Publicou, dentre outros livros, *Tempo de deserto*, 1988; *Espelhos da chuva*, 2011; *Criminário*, 2013, e *Cama de pregos aforismos de bolso – IV*, 2013.

Nota

¹ Conforme o Talmud, em Bavá Bathrá 9^a, “A beneficência e a caridade valem tanto quanto a observância de todos os outros preceitos da Torá”.



***Glossário**

Gaon: judeu ilustre, sábio

Goi: não judeu

Goilem: idiota

Guefilte fish: bolinho de peixe

Guesheftn: negócios

Hale: pão trançado sabático e de outras festividades

Hassidim: religiosos que seguem os preceitos do hassidismo. Movimento fundado por Baal Shem Tov.

Helzel: pescoço de galinha recheado

Isbá: cabana

Ishuv: comunidade

Jid: forma pejorativa de judeu (expressão russa)

Kadish: oração pelos mortos

Kügl: pudim sabático

Le'haim: à vida, brinde alcoólico

Litvak: judeu lituano

Locshen: macarrão

Meshigass: loucura

Metzie: negócio vantajoso

Minian: as 10 pessoas necessárias para o rito sinagoga

Mitnagdim: oponentes do movimento hassídico.

Mujique: camponês russo

Ó Gotenhu: Ó Deus, num diminutivo carinhoso

Parnusse: ganha-pão

Sched: diabo

Scholem aleihem: a paz esteja convosco!

Schtraimel: gorro de pele

Shabat: sábado, dia de descanso

Shadken: casamenteiro

Shemá Israel: prece litúrgica

Shil: sinagoga

Shivá: período de luto (7 dias)

Shlimazel: bobo, azarado

Shtetl: povoado

Tscholent: cozido de carne feita às vésperas do *shabat*

Tzadikim: devotos

Tzures: sofrimentos